

# GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 27

## Filosofia 11.º ANO

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica  
Subtema 5: A dimensão religiosa. Religião, razão e fé



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A  
APRENDIZAGEM?



## PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Vamos agora dedicar-nos à filosofia da religião, nomeadamente, ao problema da existência de Deus, o qual pode ser formulado desta forma: “Será racional ter fé na existência de Deus?” Iremos clarificar conceitos fundamentais para esclarecer este problema (Deus, fé, racionalidade, entre outros). Analisaremos respostas a favor da racionalidade da fé, bem como examinaremos respostas contra a racionalidade da fé. Procuraremos ainda sondar se é plausível ou não a resposta fideísta de Pascal, segundo a qual é racional haver fé na existência de Deus ainda que nenhum argumento prove a sua existência.



## O QUE VOU APRENDER?

- Caracterizar o conhecimento, formulando explicitamente o problema filosófico da possibilidade de conhecimento, à luz da perspectiva empirista e racionalista, avaliando criticamente ambas as respostas ao problema filosófico em questão;
- Formular o problema da demarcação. Caracterizar a conceção indutivista da ciência e proceder à sua avaliação crítica. Caracterizar o falsificacionismo de Karl Popper e proceder à sua avaliação crítica;
- Formular o problema da objetividade da ciência, avaliando criticamente a posição de Popper. Descrever os diferentes momentos de desenvolvimento científico, segundo Kuhn, clarificando as noções de paradigma, anomalia, crise científica e incomensurabilidade;
- Formular o problema da definição de arte e explicitar a sua relevância filosófica, distinguindo a abordagem essencialista da abordagem não essencialista. Caracterizar as teorias representacionista, expressivista, formalista, institucional e da histórica de arte;
- **Formular o problema da definição da existência de Deus e explicitar a sua relevância filosófica, enunciando os argumentos cosmológico, teleológico (Tomás de Aquino) e ontológico (Santo Anselmo) sobre a existência de Deus. Avaliar criticamente estes argumentos. Caracterizar criticamente a posição fideísta de Pascal e o argumento do mal de Leibniz.**



## COMO VOU APRENDER?

GTA 24: Relevância do problema da existência de Deus

GTA 25: Religião, razão e fé. O argumento cosmológico

GTA 26: Religião, razão e fé. O argumento teleológico

**GTA 27: Religião, razão e fé. O argumento ontológico**

GTA 28: Religião, razão e fé. O problema do mal

GTA 29: Religião, razão e fé. A aposta de Pascal

## Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica

## Subtema 5: A dimensão religiosa. Religião, razão e fé



## GTA 27: Religião, razão e fé. O argumento ontológico

**Objetivos:**

- Explicitar o conceito teísta de Deus;
- Enunciar o argumento ontológico (Anselmo) sobre a existência de Deus e discuti-lo criticamente;

**Modalidade de trabalho:** individual e/ou em pequeno grupo

**Recursos e materiais :** Caderno diário, manual escolar e *internet*.

### Argumento ontológico

Os argumentos cosmológico e teleológico são argumentos com recurso a premissas da realidade sensível e da experiência. São, por isso, argumentos com recurso a premissas **a posteriori**. O argumento ontológico é um argumento inteiramente **a priori**, na medida em que as suas premissas podem ser justificadas exclusivamente por processos racionais, sem recurso a informação empírica. Santo Anselmo, também conhecido como Anselmo de Cantuária, foi um filósofo que apresentou uma versão deste argumento.

“Uma maneira simples de compreender o âmago do argumento de Anselmo é reflectir (sic) sobre o próprio conceito de Deus, sem pressupor, claro, que existe tal entidade. Falar de Deus, ainda que hipoteticamente, sem saber se existe ou não, é falar de que género de entidade? Uma ideia é que se trata da entidade mais excelsa que conseguimos imaginar. Mas, nesse caso, parece incoerente declarar que essa entidade afinal não existe — porque, nesse caso, não seria assim tão excelsa. Ninguém tem um carro dos melhores que se consegue ter, mas que não exista; se não existe esse carro, não é assim tão bom.”

Argumentos ontológicos, Crítica na Rede – Desidério Murcho–  
<https://criticanarede.com/argumentoontologico.html>  
(consultado em 15/01/2025 e adaptado)

Começemos por clarificar que:

- Quando Santo Anselmo diz que Deus é um ser «maior do que o qual nada pode ser pensado» quer dizer que Deus é o ser mais perfeito que é possível conceber (mais grandioso).



- A expressão «existir no pensamento» significa que ele é uma ideia. A ideia de cavalo alado, por exemplo, existe apenas no pensamento, pois é só uma ideia que temos, não havendo estes seres no mundo. As rosas, pelo contrário, existem no pensamento e também na realidade, pois temos ideias acerca delas e elas existem de facto.
- O argumento ontológico procura mostrar que Deus, tal como as rosas, existe no pensamento e na realidade. Contudo, há uma diferença que temos de destacar, a saber, a existência das rosas é contingente e a de Deus é necessária. Dizer que a existência das rosas é contingente é dizer que a afirmação «existem rosas» é verdadeira, mas podia ser falsa, ao passo que dizer que a existência de Deus é necessária é dizer que a afirmação «Deus existe» é – a exemplo da definição de triângulo: «um triângulo tem três lados» – uma verdade necessária: ou seja, não podia deixar de ser assim.

Podemos reconstituir o argumento e formulá-lo de modo mais explícito:

1. ***Se Deus, o ser mais grandioso em que se pode pensar, for apenas uma ideia e não existir realmente, então podemos pensar num ser mais grandioso do que Deus.***
2. ***Mas é falso que possamos pensar num ser mais grandioso do que Deus.***
3. ***Logo, Deus, o ser mais grandioso em que se pode pensar, não é apenas uma ideia e existe realmente.***

### Objecções ao argumento ontológico

O argumento ontológico baseia-se na definição de “**Deus como o ser mais grandioso ou perfeito em que se pode pensar**”. Contudo, a exemplo de não existir nenhum número que seja o maior número de todos, também é possível que não exista nenhum ser mais grandioso ou perfeito em que se pode pensar. Talvez, para qualquer ser em que se pense, por mais grandioso que seja, se consiga sempre pensar noutro, ainda mais grandioso.

Uma outra objecção foi apresentada por um contemporâneo de Santo Anselmo, o monge Gaunilo. Este monge apresenta um tipo de objecção conhecida em filosofia como “**redução ao absurdo**”, ou seja, um argumento em que se mostra que a ideia que se quer refutar tem consequências absurdas e, por isso, ela própria é absurda. Para este monge, o argumento ontológico é um mau argumento e não prova a conclusão, porque tem consequências inaceitáveis.

Gaunilo aplicou a estrutura argumentativa (o mesmo tipo de relações conceptuais) do argumento ontológico a outras coisas, mostrando assim que não se pode declarar a existência de coisas, que sabemos comprovadamente que não existem. Ou seja, esta estrutura argumentativa leva a afirmar falsidades óbvias, bastando considerar que uma certa coisa é a mais perfeita no seu género, ou seja, definir uma coisa X como a mais perfeita das coisas X. Gaunilo dá como exemplo «a ilha paradisíaca mais perfeita que se pode pensar»:



«Não podes continuar a duvidar que esta ilha, mais excelente que todas as outras na Terra, existe verdadeiramente algures na realidade. Pois não duvidas que esta ilha existe no teu entendimento, e dado que é mais excelente existir não apenas no entendimento, mas também na realidade, esta ilha tem de existir também na realidade. Pois, se não existisse, qualquer terra que exista na realidade seria mais grandiosa que ela. E por isso esta coisa mais excelente que entendeste não seria de facto a mais excelente.»

Gaunilo, Resposta em Defesa do Insensato, secção 6, in Desidério Murcho, *A Existência de Deus– O Essencial*, Plátano Editora, Lisboa, 2020, p.24

## TAREFA 1

**Após leitura atenta da informação anterior, abre o teu manual no argumento ontológico e, de seguida, responde aos seguintes desafios que colocamos:**

1. Por que motivo o argumento ontológico é *a priori*?
2. **Indica** uma razão que leva alguns críticos de Anselmo de Cantuária a considerarem problemática a definição de Deus utilizada no argumento ontológico.
3. Por que razão a objeção de Gaunilo ao argumento ontológico constitui uma redução ao absurdo.

## TAREFA 2

**Em articulação** com um colega e com base nos dados recolhidos no teu manual de Filosofia, **respondam** à seguinte questão, a qual deverá ser escrita nos vossos cadernos diários da disciplina:

Será que podemos parodiar com o argumento ontológico, utilizando-o para provar que existe um Génio Maligno?



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

### TAREFA 1

1. O argumento ontológico é *a priori*, porque as suas premissas podem justificar-se, recorrendo somente ao pensamento, sem precisarmos de informação proveniente da experiência.
2. O argumento ontológico baseia-se na definição de Deus como o ser mais grandioso ou perfeito em que se pode pensar. Porém, há a possibilidade de não existir nenhum ser mais grandioso ou perfeito em que se pode pensar, tal como não existe um número que seja o maior de todos.
3. A objeção da ilha perfeita, apresentada por Gaunilo, pretende mostrar que a aceitação da ideia contida no argumento ontológico tem implicações absurdas e, portanto, é ela mesma absurda.

### TAREFA 2

**Em articulação com um colega, e com base nos dados recolhidos no teu manual de Filosofia, respondam à seguinte questão, a qual deverá ser escrita nos vossos cadernos diários da disciplina:**

**Opção A:** Sim, podemos parodiar com o argumento ontológico e utilizá-lo para provar que existe um génio maligno, ou seja, um demónio sumamente malévolos. A estrutura lógica seria similar ao argumento ontológico:

- a) Se o Génio Maligno não existe na realidade, então é concebível um demónio mais perfeito do que o Génio Maligno.
- b) Mas não é concebível um demónio mais perfeito do que o Génio Maligno, dado que só esse é absolutamente malévolos.
- c) Logo, o Génio Maligno existe na realidade.

Contudo, deixa-se o alerta para o fato de ser contraintuitivo que um argumento da estrutura lógica do argumento ontológico permita realmente provar tão facilmente todo o tipo de entidades sobrenaturais. Aliás, como demonstrou Descartes, se existe realmente um Génio Maligno, o nosso conhecimento não seria possível. Deste modo, deveremos rejeitar o argumento ontológico, sobretudo se não quisermos aceitar as conclusões a que chegamos por ele.

**Opção B:** Não, não podemos parodiar o argumento ontológico, na medida em que este não se aplica a coisas contingentes, ou seja, a coisas que poderiam existir ou não existir, mas apenas a coisas que, se existirem, são necessárias. O argumento ontológico pode-se aplicar a Deus porque, dada a definição de Deus como maximamente perfeito, se Deus existir em alguma circunstância, existe em todas as circunstâncias possíveis. Assim, este raciocínio não se aplica ao Génio Maligno, na medida em que, de acordo com o teísmo, só Deus é absolutamente perfeito e necessário, sendo que os demónios são seres contingentes que foram criados por Deus e usaram o seu livre-arbítrio para fazer o mal. A sua contingência indica que Deus poderia não os ter criado. Logo, o raciocínio principal do argumento ontológico já não se pode aplicar neste caso.



## O QUE APRENDI?

### És capaz de ...

- explicitar o conceito teísta de Deus?
- enunciar o argumento ontológico (Santo Anselmo) sobre a existência de Deus?
- discutir criticamente estes argumentos sobre a existência de Deus?
- explicar que o argumento ontológico é um argumento *a priori* formulado por Santo Anselmo? Este argumento parte da ideia de que Deus é, por definição, um ser absolutamente perfeito, não havendo nada mais perfeito do que Deus.
- explicar que, de acordo com este argumento, se Deus não existisse na realidade, então seria concebível um ser mais perfeito do que Deus? Contudo, isso é impossível, dado que Deus é o ser absolutamente perfeito. Assim, pode-se concluir que Deus existe na realidade.
- explicar como objeção ao argumento ontológico, pode-se alegar que este permite provar, com a mesma estrutura lógica, coisas que não existem (por exemplo, ilhas perfeitas)?

**Estuda** com um colega de turma, para consolidares a tua aprendizagem.



## COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

**Visualiza** a videoaula sobre:

[O sentido da vida e o conceito teísta de Deus | Estudo Autónomo](#)



[Provas da existência de Deus: o argumento ontológico | Estudo Autónomo](#)

